



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

PROMOVENDO A SAÚDE MENTAL NO TERRITÓRIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Carine Almeida Rodrigues¹;

Antonio Germane Alves Pinto²;

Luísa Nara Da Silva³;

Thiago Sousa Felix⁴

Resumo: Num contexto de pandemia de covid- 19, foi sentida a necessidade de abarcar as demandas de saúde mental dos usuários da Unidade de Atenção Primária em saúde (UAPS). Objetivo: Esse trabalho tem como objetivo descrever a experiência vivência durante o grupo Mente Aberta, desenvolvida pela residência multiprofissional. Metodologia: Esse trabalho segue a metodologia de relato de experiência da atuação profissional dos residentes em Saúde Mental Coletiva e Saúde da Família e Comunidade no município de Horizonte- Ceará. Considerações Finais: O grupo Mente Aberta, possibilitou que fosse abrangido pela atenção Primária do município os casos de transtorno mental leve que não se enquadram no público alvo dos Centro de Atenção Psicossocial(CAPS).

Palavras-chaves: Trabalho em saúde mental; Grupo terapêutico; Promoção da saúde; Atenção primária.

INTRODUÇÃO

Experiência com Grupo Mente Aberta no contexto psicossocial

¹ Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Ceará, anacariny19@gmail.com

² Doutorado em Saúde Coletiva - Universidade Estadual do Ceará - Universidade Federal do Ceará, germane.pinto@urca.br,

³ Mestre em Ensino na Saúde pela Universidade Estadual do Ceará, luisanaras@gmail.com,

⁴ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, thiagosofelix2004@yahoo.com.br

ANAIS DO SEMINÁRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERSECCIONALIDADES

VOLUME 3, 2024, CEEINTER.ISSN:27644758



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

A pauta deste artigo é a descrição das experiências vivenciadas do grupo “Mente Aberta”, desenvolvido em Horizonte, Ceará. O “Mente Aberta” é um grupo realizado nas 4 Unidades de Atenção Primária em Saúde (UAPS), cobertas pela equipe de residentes da saúde da família e comunidade, são elas: Cajueiro da Malhada, Planalto da Galileia, Queimados e Buenos Aires II. As atividades são desenvolvidas pela turma VIII de residentes das ênfases saúde mental coletiva e saúde da família e comunidade.

Os transtornos mentais e comportamentais em nosso país são a terceira causa de incapacidade para o trabalho, correspondendo a 9% da concessão de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez, de acordo com dados do 1º Boletim Quadrimestral sobre Benefícios por Incapacidade (Associação Nacional De Medicina Do Trabalho, 2017).

Segundo pesquisas cerca de 450 milhões de pessoas no mundo preencheram critérios para o diagnóstico de algum tipo de transtorno mental, dos quais 80% vivem em países de baixa e média renda (Giraldi, 2021). Cuidar da saúde mental ainda é um tabu o que prejudica muitas pessoas que se recusam a procurar ajuda por vergonha e medo. A negligências dos cuidados com o sofrimento mental é muito perigosa e ocasiona graves prejuízos para as pessoas.

No Brasil, a Política de saúde mental apresentou grandes avanços nos últimos anos, podendo afiançar os direitos dos usuários com transtorno mental. O cuidado em saúde mental com o modelo hospitalocêntrico, terminava por reforçar o preconceito, a discriminação e a segregação. Entretanto, com a Reforma psiquiátrica, buscou-se novos rumos para a saúde mental, tendo como finalidade, consolidar um modelo, centrado no sujeito, humanizado que fortaleça os vínculos familiares e comunitários (Amarante; Nunes, 2018).

O modelo biomédico hospitalocêntrico ainda é presente em profissionais da saúde e usuários, sendo ainda necessário um longo caminho para a quebra desse paradigma. A saúde mental na sociedade ainda se caracteriza por ser tratada como se fosse necessário a segregação da pessoa com transtorno mental, cuidar da saúde mental ainda é carregado de preconceito (Menezes; Pegoraro, 2019).

Em definição, o estigma é uma enorme marca pejorativa que se usa para tirar do convívio do grupo dominante. Pode ocorrer com uma pessoa ou um grupo de pessoas que tenham



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

atributos que sejam distintos da normalidade instituída. A exclusão é o que resta para tais pessoas (Goffman, 1988). Combater esse estigma é primordial, pois muitas vezes as pessoas que estão em um sofrimento mental, perpassam por esse problema, incidindo diretamente na adesão ao tratamento e na vida em sociedade.

Um dos pontos presentes na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) são as UAPS que se configuram como coordenadora do cuidado, sendo de relevância as suas atribuições no que concerne à saúde mental. Concomitantemente, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) têm no matriciamento uma ferramenta bastante, eficaz para a construção de uma rede de cuidados em saúde mental de qualidade (Sousa; Barbosa, 2021).

Indo na direção contrária a Reforma Sanitária, atualmente, num contexto de retrocesso no qual o nosso país encontra-se, a Política de saúde mental, também, está sendo prejudicada, pois houve uma diminuição da importância dos CAPS e o recrudescimento das Comunidades terapêuticas (CFESS, 2017).

A aproximação às temáticas da saúde iniciou-se, a partir da participação, como ouvinte, das palestras do Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) que são muito importantes, pois falam um pouco sobre como está a atualidade do SUS, além disso, estratégias para atuar com qualidade como profissional da saúde, quebrando muitos paradigmas, indo além do senso comum.

Desde a inserção no Hospital Frota Pinto, houve a oportunidade de atuar como estagiária de Serviço Social, no ano de 2017, foi despertado em mim a vontade de pesquisar sobre saúde mental. Este foi o primeiro contato com pessoas que vivem com transtorno mental, possibilitando a aproximação com o tema, mas com uma perspectiva mais crítica, buscando sair dos preconceitos do senso comum, aprendendo a ter uma nova visão sobre saúde mental, trazida pela Reforma psiquiátrica.

O ingresso no estágio, foi realizado por meio do Programa de Bolsa de Incentivo à Educação (PROENSINO) na Rede da Secretaria da Saúde do Estado do Ceará (SESA) esse programa de estágio se propõe a aproximar a universidade da realidade do SUS, assegurando um espaço à comunidade acadêmica, permitindo uma prática reflexiva, contribuindo para a formação de estudantes, educação permanente dos trabalhadores das unidades que compõe a



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

rede SESA, docentes das Instituições de Ensino Superior (IES) conveniadas com essa rede, gestores e usuários dos serviços de saúde, enquanto, atores deste processo.

Com a residência integrada em Saúde Mental Coletiva, abriu-se a oportunidade de aprender em serviço, buscando conciliar prática e teoria. O interesse pelo tema surgiu com a atuação profissional no CAPS (Centro de atenção psicossocial) Geral de Horizonte, com o objetivo de qualificar minha atuação como assistente social no local de atuação.

Durante a graduação em Serviço Social percebi que é pouco o debate sobre a saúde de um modo geral, também, sobre a saúde mental, apesar de ser um tema bastante relevante, ainda é pouco debatido no curso de Serviço Social. Desse modo, contribuindo com esse tema, dando visibilidade, ampliando o debate sobre essa problemática.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Trata-se de um relato de experiência da vivência proporcionada pela realização do grupo “Mente Aberta”. De acordo com Mussi et al.:

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

O cotidiano profissional pode e deve ser pressuposto para o aprendizado, trazendo um novo olhar por meio da pesquisa acadêmica. Refletir sobre a atuação profissional é essencial para um bom trabalho, principalmente na saúde mental.

Local da pesquisa



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

A pesquisa foi realizada na cidade de Horizonte que se localiza na região metropolitana de Fortaleza em uma distância de aproximadamente 40 km da Capital do Ceará. A estimativa é que a população atualmente seja 68.529 pessoas, o espaço geográfico da cidade é de 160 Km², sendo composta por 4 distritos: Aningas, Dourado, Queimadas e a sede do município.

A Rede de Atenção primária do município é composta por 26 equipes da estratégia saúde da família, sendo 20 na zona urbana e 06 na zona rural, com cobertura de 100 % do território.

O “Mente Aberta” é um grupo realizado nas 4 Unidades de Atenção Primária em Saúde (UAPS), cobertas pela equipe de residentes da saúde da família e comunidade, são elas: Cajueiro da Malhada, Planalto da Galileia, Queimados e Buenos Aires II.

Procedimentos de registro das ações e descrição da experiência

Com o intuito de entender como ocorrem as dinâmicas da realidade social foi utilizado o instrumento do diário de campo para registro do grupo “Mente Aberta” realizados. Segundo Lima et al., 2007:

Nesse sentido, as anotações descritivas realizadas em diário de campo pretendem transmitir com exatidão a exposição dos fenômenos sociais – requisito essencial da pesquisa qualitativa e de uma intervenção profissional preocupada não somente com ações imediatas, mas com o planejamento destas. Consiste, portanto, em um primeiro passo para avançar na explicação e compreensão da totalidade do fenômeno em seu contexto, captando seu dinamismo e suas relações.

Desse modo, buscou captar os sentidos, as nuances que surgiam com o desenvolvimento das atividades propostas pelo grupo “Mente Aberta” com os participantes.

Aspectos éticos

Foram cumpridos os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, no caso sem a necessidade de submeter-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por se tratar de um relato de experiência.

DESENVOLVIMENTO



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

Com a Política Nacional de Saúde Mental se tentou assegurar um modelo de atenção à saúde mental de base territorial, compreendendo o sujeito na sua totalidade (BRASIL, 2001). Historicamente, a saúde mental foi marcada pelo controle e retirada de direitos, tirando a possibilidade da existência como sujeitos das pessoas que estavam em sofrimento mental. As pessoas que estavam em sofrimento mental, deveriam ser retiradas da sociedade com o pressuposto que seriam perigosas, facilitando o encarceramento desses usuários (Sampaio; Bispo, 2021). Com a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial, pensou-se novas formas de fazer saúde mental que respeitasse os usuários como sujeito de direitos, promovendo o cuidado para além do contexto hospitalar.

A RAPS é composta pelas equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF) que compõem a Atenção Primária à Saúde; o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência e as Unidades de Pronto Atendimento, os CAPS e Policlínicas (Silvano et al., 2022). A Atenção Primária em Saúde (APS) deve ser a coordenadora do cuidado em saúde mental. Para tanto, o fortalecimento da APS se torna essencial na qualidade da RAPS.

Os profissionais também são essenciais para uma política de saúde mental de qualidade, porém com a grande taxa de rotatividade na Atenção Primária em Saúde o vínculo é prejudicado entre usuário e profissionais de saúde (Treichel et al., 2019). Essa precarização pode gerar uma insegurança que repercute na adesão ao tratamento (Gonçalves; Gomes, 2019)

Os CAPS se constituem como um modelo que promove a autonomia dos usuários, buscando relações mais horizontalizadas, respeitando as pessoas que estão em sofrimento mental e atendendo de forma humanizada como protagonistas de sua própria história.

Uma das estratégias é a construção do Projeto Terapêutico Singular (PTS) em conjunto com os usuários em acordo com a sua subjetividade. Entende-se que o mesmo pode ser utilizado para todo e qualquer usuário do equipamento, respeitando as características de cada usuário dentro de um contexto social (Frazatto; Fernandes, 2021). Os grupos terapêuticos são uma das ferramentas de tecnologia leve, possuindo potencialidade que sendo consolidada na Unidade de Atenção Primária em Saúde (UAPS), poderiam colocar em prática a longitudinalidade do cuidado, fortalecendo a RAPS (Brunozi, 2019). Os grupos desenvolvidos dentro dos serviços



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

do SUS podem ter os mais diversos objetivos, recorrendo a vários recursos terapêuticos. Segundo Nunes et al., 2022:

A intersecção entre Dinâmica de Grupo e a Saúde Mental é histórica e se alinha ao nascimento de novas modalidades de cuidado. As práticas expressivas e comunicativas relacionadas à criação artística, atividades de geração de renda, alfabetização e habilidades corporais são frequentemente oferecidas na modalidade de oficinas grupais terapêuticas.

Os grupos, frequentemente, são uma forma de combater fragmentação das ações de saúde mental, buscando evitar que a medicalização dos usuários seja a única e central forma de tratamento dos sujeitos com transtorno mental. Desse modo, cria-se um maior vínculo entre o serviço e os usuários. De acordo com Sousa, 2021, p. 29):

Em alguns casos observamos que, a partir do momento em que o sujeito pôde expressar sua história de vida e revelar os significados atribuídos a seu sofrimento, ele se sentiu acolhido e reconhecido pelo grupo. Esse movimento fortaleceu seu pertencimento e surtiu um efeito que se estendeu à sua vinculação ao CAPS e aos profissionais da equipe

A atuação de forma coletiva crítica apresenta aos usuários que seus problemas muitas vezes não ocorrem de forma individual, mas atingem várias pessoas. Havendo assim uma identificação entre as pessoas que tem um transtorno mental, possibilitando o fortalecimento do controle social. Segundo Melo e Bregalda (2022):

Ela teria o objetivo de promover a reabilitação psicossocial dos usuários através do seu empoderamento e da viabilização de iniciativas, por meio da apropriação de direitos, saberes e técnicas, voltadas para a construção não só de produtos comercializáveis, mas, principalmente, da sua cidadania.

Os grupos muitas vezes são vistos pelos próprios profissionais da saúde como uma forma de se identificar com o trabalho, tornando a atuação em equipe cada vez mais integradas (Stahelin, 2021). Os grupos são lugares para a coletividade, promovendo a saúde, possibilitando trabalhar com os usuários na sua totalidade.

Segundo Ferreira (2019) “A família é constituída por um grupo de pessoas que estabelecem relações de cuidado, de conflitos, vínculos e convivência cotidiana, que possibilitam aos indivíduos se sentirem pertencente a um grupo”. As famílias desenvolvem um



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

processo muito forte na construção social dos indivíduos, impactando diretamente em como os sujeitos convivem em sociedade.

Os CAPS têm como uma de suas finalidades fazer o cuidado da crise dentro do território para que os usuários não sejam destituídos de seus vínculos familiares e sociais, preservando os indivíduos de irem para uma internação em hospital psiquiátrica (Teixeira et al., 2021).

O apoio das famílias é essencial para uma boa adesão ao tratamento. Quando falta o apoio, é comum também um estímulo ao abandono ao tratamento. A não participação de forma ativa na rotina do familiar que tem transtorno mental é decorrente de estigmas. Com isso, a adesão ao tratamento fica prejudicado; lutar contra isso é uma atribuição importantes dos profissionais da saúde (Ferreira et al., 2019).

Segundo Souza et al. (2022) de forma geral ocorre a mobilização do familiar cuidador pelo tratamento e pelo suporte emocional que abarque as dúvidas e as angústias. Na perspectiva do autor a família tem que ser acolhida pelo CAPS, buscando assegurar sua saúde como um todo, além disso, as famílias têm na responsabilização um relevante papel no cuidado dos usuários com transtorno mental. Segundo Carvalho et al. (2021):

Quando se trata da família que convive com a realidade do sofrimento psíquico, a mesma passa a ser um importante alvo de atenção, uma vez que necessita acolher e conviver com o ente “adoecido”, além de desenvolver recursos adaptativos de modo a manter o equilíbrio de sua estrutura enquanto um sistema complexo, instável e que tem sua dinâmica transformada. No entanto, para que isso aconteça, os familiares precisam contar com uma rede de apoio profissional e social para auxiliá-los nesse processo.

De acordo, com Eloia et. al. (2018) debate sobre a sobrecarga das famílias de familiares com transtorno mental. Desse modo, foi sugerido pelo autor intensificar o cuidado para esse segmento com ações terapêuticas que dessem o suporte para o entendimento dos sintomas, tratamento e momentos de cuidado para os familiares. Além disso, ser ofertado educação permanente aos profissionais da saúde no que concerne ao cuidado integral as famílias para dar o suporte as famílias e as tecnologias para a produção do cuidado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

Grupo “Mente Aberta”: práticas, temáticas e atividades educativas no território da estratégia saúde da família.

O grupo Mente Aberta tem como finalidade, promover a saúde mental no âmbito da atenção primária, fortalecendo o controle social no SUS. Esse grupo atua para a consolidação da Reforma Sanitária. Preconizando uma política de saúde mental para além do modelo biomédico em que os usuários, tenham um papel central, podendo se corresponsabilizar pelo seu tratamento.

O grupo sempre contava com uma dinâmica quebra gelo com o objetivo de fortalecer os vínculos entre os participantes do Mente Aberta, envolvendo o assunto que seria debatido na ocasião. Além disso, utilizando uma dinâmica inicial se tornava possível trabalhar o tema de forma mais leve, propiciando a maior interação possível entre os envolvidos.

Os temas trabalhados no grupo sempre eram pensados em assuntos bastante pertinentes para os usuários, buscando tornar o grupo um espaço que pudesse transformar aquele local um lugar interessante para os usuários para que houvesse adesão.

Sempre era enfatizado que as questões pessoais, repassadas no grupo não deveriam ser expostas que o intuito era tornar o Mente aberta um espaço seguro onde poderia ser falado e discutidos as mais diversas temáticas sem julgamento. De acordo com Bastos (2018):

A Reforma Psiquiátrica, enquanto movimento organizado, evidencia a importância de refletir sobre os modos e processos de subjetivação, assim através dos grupos terapêuticos viabiliza a consolidação de uma oferta de saúde de qualidade e integral, através de uma abordagem diferenciada

Os grupos terapêuticos têm um papel essencial com a Reforma Psiquiátrica, pois neles se torna possível trabalhar de forma crítica e coletiva as demandas dos usuários dos diversos equipamentos de saúde do SUS, possibilitando atender de forma integral. As temáticas abordadas no grupo Mente Aberta foram: a ansiedade, o Setembro Amarelo, a Autoestima; e o



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

excesso de utilização de redes sociais.

As atividades desenvolvidas pelo grupo Mente Aberta são idealizadas para que as ações, ocorram da forma mais horizontalizada possível os grupos são sempre realizados onde todos os participantes ficam em formato de círculo. O primeiro tema trazido pelo grupo teve como finalidade trabalhar a temática ansiedade. Segundo Lopes (2021):

O TAG é um distúrbio psiquiátrico extremamente prevalente na sociedade atual. É caracterizado por sintomas de preocupação persistente, excessiva e irreal com relação as atividades básicas diárias, o que resulta em uma queda da qualidade de vida do indivíduo. O diagnóstico deve ser realizado preferencialmente por um médico psiquiatra seguindo os critérios do DSM-V.

A ansiedade é uma sensação natural do nosso corpo já o distúrbio de Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), ocorre quando há impactos no nosso cotidiano. O transtorno de ansiedade teve um aumento de casos durante a pandemia, por isso a urgência em debater sobre esse assunto que está bastante presente no nosso dia a dia.

O segundo tema debatido foi o “Setembro Amarelo” a prevenção do suicídio se faz de forma que se deve trabalhar, buscando ter uma sensibilidade, pois se trata de um tema difícil de ser trabalhado, porque se abordado de forma irresponsável pode ocasionar um efeito contrário ao esperado.

De acordo com Santos et al. “A baixa autoestima e a insatisfação com a imagem corporal podem desencadear possíveis transtornos relacionados com as exigências de uma forma física ideal imposta pela sociedade”. O terceiro tema debatido foi autoestima como vivemos numa sociedade capitalista voltada principalmente para o consumo, percebe-se um grande adoecimento, sendo comum de forma primordial mulheres, apresentarem baixa autoestima.

Desse modo, foi pensado esse tema para que houvesse o fortalecimento de forma coletiva da autoestima dos participantes. Observando o uso cada vez mais frequente das redes sociais e os impactos na saúde mental dos usuários, foi trazido a cena para debate como quarto tema: “o uso excessivo de redes sociais”, por se tratar dessa problemática tão pertinente na atualidade.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

Relatar a experiência com as ações do grupo “Mente Aberta” relacionadas com a atenção psicossocial, vínculos familiares e comunitários na promoção da saúde mental.

Durante os encontros do grupo Mente Aberta foi possível uma troca de experiências e saberes entre os usuários e os profissionais. Elencou-se que as famílias e a comunidade diversas vezes não sabem como oferecer ajuda. Foi relatado que de forma geral não há uma reflexão que os transtornos mentais são uma doença como qualquer outra, necessitando de tratamento qualificado com profissionais da saúde.

Percebe-se que o familiar não sabe como dar suporte, terminando por reforçar estereótipos sobre os transtornos mentais. Dessa forma, reflete-se a relevância de incluir os familiares que são quem mais tem contato com os usuários, podendo oferecer uma assistência. Segundo Giacomini (2022):

As famílias têm a necessidade de serem ouvidas, de um espaço para compartilhar suas experiências e angústias, como é o relacionamento com o familiar adoecido e as estratégias no enfrentamento da doença.

Nota-se a necessidade de que se tenha uma inclusão familiar a ser feitas pelos profissionais da área da saúde mental, possibilitando espaços abertos para os familiares e para o portador de transtorno mental. Proporcionando assim, um espaço que ofereça melhor entendimento sobre a doença e de como agir em momentos de crise.

Repasseu-se falas que a ansiedade seria algo somente da mente da pessoa que era falta de uma espiritualidade religiosa. Esses estigmas apresentados pelos usuários, dificultam a procura por um tratamento adequado, terminando por protelar a ida a um serviço de saúde só indo buscar ajuda profissional quando já está numa crise.

Para se trabalhar a temática autoestima, foi utilizado uma dinâmica para facilitar a discussão, suscitando as falas dos participantes. A dinâmica deu-se da seguinte forma: foi entregue uma folha de ofício e uma caneta para cada usuário, solicitado posteriormente que se fosse desenhado as partes do corpo de uma pessoa até formar um ser humano ao final, houve a reflexão sobre os desenhos. Foi compreendido que todos os desenhos eram diferentes.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

Nessa ocasião, houve sentimento de vergonha, de comparação, pois um outro participante do grupo, havia feito um desenho melhor, sendo lançado a reflexão que a dinâmica não se propõe a ser uma competição que não há motivos para se comparar que somos todos singulares. Debatido ainda que cada pessoa tem suas potencialidades, tendo coisas que fazemos melhor e outras não.

Além disso, quando se foi trabalhado autoestima muitas mulheres, relataram ter problemas de autoestima, demonstrando a desigualdade estrutural entre os gêneros que repercute diretamente na saúde mental das mulheres que se entendem muitas vezes de forma depreciativa. De forma geral, as mulheres são as que mais se sobrecarregam com os fazeres domésticos, tendo uma dupla jornada trabalhando fora e dentro de casa, gerando muitas vezes adoecimento físico e mental.

A atuação do Grupo Mente Aberta se deu num contexto de pandemia que acarretou impactos enormes nas vidas mulheres, principalmente em nosso país que deve sinalizar que é importante analisar com os critérios de raça, de gênero e de classe. Segundo Vieira et al. (2022):

Em cenário sem precedentes, ainda não é possível saber as repercussões futuras desse fato, nem se esta situação será considerada futuramente uma das sequelas da pandemia. É importante utilizarmos o olhar de gênero ao pensar estratégias de intervenção para recuperação saudável da sociedade em um futuro pós-pandêmico no qual as consequências de uma sociedade sobrecarregada virão.

A saúde mental das mulheres sofreu bastante impactos com a pandemia num país que uma boa parte das famílias são chefiada por mulheres. A saúde mental das mulheres não pode deixar de ser analisada sem observar todo o contexto em que as mulheres se encontram, sendo possível refletir que houve avanços, entretanto, uma nova onda conservadora invade o nosso país situação que repercute diretamente nos direitos das mulheres por consequência na saúde das mulheres de nosso país, compreendendo que assim como preconiza o SUS tem condicionantes e determinantes que impactam a saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

O grupo mente aberta foi realizado a partir da reflexão sobre a saúde mental do município de Horizonte e suas necessidades. Com o advento da pandemia, houve um crescente aumento das demandas de saúde mental nas quatro UAPS em que os residentes em saúde da família e comunidade, desenvolvem suas atividades. Desse modo, pensou-se na realização de um grupo voltado para as demandas da saúde mental na Atenção Primária em Saúde, fazendo uma parceria entre os residentes da ênfase saúde mental coletiva e saúde da família e comunidade.

No decorrer do artigo apresentou-se como ocorrera encontros do Grupo Mente Aberta. Foram expostos quais os recursos eram utilizados para a sua realização. Buscou-se fortalecer os vínculos entre profissionais residentes, usuários do grupo mente aberta e comunidade na consolidação da educação em saúde dentro do SUS.

Com o grupo foi possível aprofundar o conhecimento entre usuários e profissionais, analisando qual a melhor forma de atender a necessidades dos usuários com relação a sua saúde mental. Compreendendo como os determinantes e condicionantes, tem interferido no processo saúde doença dos indivíduos. Visualizamos ainda, a importância de se trabalhar o usuário, mas também seus familiares, pois são quem está mais próximo. Além disso, sofrem passando inclusive por um processo de adoecimento quando se há um familiar com transtorno mental muitas vezes sem saber como oferecer suporte.

Esse artigo foi realizado apenas em caráter de relato de experiência, sendo uma primeira aproximação com a temática. Por se tratar de tema relevante se faz necessário uma ampliação do debate, posteriormente podendo ser complementado com pesquisas futuras.

O grupo foi relevante, pois ocorreu um fortalecimento da RAPS, direcionando a UAPS como coordenadora do cuidado. Possibilitou-se a cultura que saúde mental também se faz na atenção primária a saúde. Trabalhar as demandas dos usuários em um grupo possibilita um fortalecimento coletivo, sendo diversos os benefícios para os usuários.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

REFERÊNCIAS

Amarante Paulo; NUNES, Monica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.23, n.6, p. (2067- 2074), jun., 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/tDnNtj6kYPQyvtXt4JfLvDF/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 03 de set. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MEDICINA DO TRABALHO(ANAMT). Transtorno mental é a 3ª causa de afastamentos de trabalho. 26 de outubro de 2017. São Paulo. Disponível em:<<https://www.anamt.org.br/portal/2020/10/09/10-de-outubro-2020/#:~:text=No%20Brasil%2C%20transtornos%20mentais%20e,Previd%C3%Aancia%2FMinist%C3%A9rio%20da%20Fazenda%2F2017>>. Acesso em 03 de setembro de 2021.

BASTOS, Liz Fontenelle. Grupos terapêuticos como estratégia de cuidado na atenção básica à saúde: reflexões a partir de um CAPS AD. 2018. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Fundação Estatal Saúde da Família; Instituto Gonçalo Moniz, Fundação Oswaldo Cruz, Salvador, 2018.

BRASIL. Lei nº. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: <<http://cgj.tjrj.jus.br/documents/1017893/1038413/politica-nac-saude-mental.pdf>>. Acesso em: 03 de set. 2021.

BRUNOZI, Naipy Abreu et al. Grupo terapêutico em saúde mental: percepção de usuários na atenção básica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, out., 2019. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/qbjFvt3YV75fz8q8f7WX5fM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 de mai. 2022.

CARVALHO, Mariana Albernaz Pinheiro de et al. Terapia Comunitária e sofrimento psíquico no sistema familiar: um enfoque baseado no novo paradigma da ciência. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 26, n. 12, p. (6211-6221), 2021. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.31112020>>. Acesso em:15 de abr. 2022.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). **Mudanças na Política Nacional de Saúde Mental: mais uma ameaça do governo ilegítimo.** Brasília. 12 de dezembro de 2017. Disponível em: < [https:// https://www.cfess.org.br/noticia/view/1439](https://www.cfess.org.br/noticia/view/1439)>. Acesso em 03 de set. 2025.

ELOIA, Sara Cordeiro et al. Sobrecarga de cuidadores familiares de pessoas com transtornos mentais: análise dos serviços de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v.23, n.9, p. (3001-3011), 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.18252016>>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FRAZATTO, Carina Furlaneto; FERNANDES, Juliana Cristina. Práticas do CAPS I e o desafio da desinstitucionalização. **Psicologia Rev. São Paulo**, v.30, n. 1, p. (54-75), 2021. Disponível em:<<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/44070/37610>>. Acesso em: 03 de set. 2021.

FERREIRA, Thayane Pereira da Silva. et al. A família no cuidado em saúde mental: desafios para a produção de vidas. **Saúde em Debate [online]**, v. 43, n. 121, p. (441-449), ago. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/QncgVnjjsymTkRQFPctFyBz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 de set. 2021.

GIRALDI, Renata. O estigma associado às doenças mentais na sociedade brasileira. **Correio Brasiliense[online]**. Brasília, 23 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2021/01/4902183-o-estigma-associado-as-doencas-mentais-na-sociedade-brasileira.html#:~:text=Estudos%20indicam%20que%20em%20torno,tamb%C3%A9m%20moriais%20hist%C3%B3ricos%20e%20culturais>>. Acesso em: 17 de mai. 2022.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

GONÇALVES, Gisele da Silva; GOMES, Gabriela. Rotatividade dos profissionais da saúde: uma experiência prática. Encena[online], 27 jun. 2019. Disponível em: <<https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/rotatividade-dos-profissionais-da-saude-uma-experiencia-pratica/>>. Acesso em: 17 de mai. 2022.

LIMA, T. C. S., Miotto, R. C. T., & Dal Prá, K. R. (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 6(1), 93–104. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/1048>.

MELO, Andréa Miranda Ribeiro de; BREGALDA, Marília Meyer. Abordagem da temática do trabalho em um serviço de saúde mental: reflexões e apontamentos a partir de um estágio em terapia ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, p. (845-855), 2022.

MENEZES, Giovanna Paula; PEGORARO, Renata Fabiana. Panorama das Atividades Grupais Desenvolvidas em Centros de Atenção Psicossocial (2006–2016). **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, v. 39, p. (1-17), dez, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003189050>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 set. 2025. Epub 25-Nov-2021

SOUSA, Maria Isabella Epifanio; BARBOSA, Amanda Silva. Fortalecendo as redes de cuidado em tempos de pandemia: a experiência do Apoio Matricial em saúde mental em um município do Ceará. **Revista Saúde em Redes**, v.7, n.1, 2021. Disponível em: <<http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3617>>. Acesso em: 15 de mai. de 2022.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

NUNES, Fernanda Costa et al. Fatores impulsores e restritivos da prática com grupos em serviços comunitários de atenção psicossocial. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 27, n. 01. p. (183-192), jan., 2022. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19992021>>. Acesso em: 17 Abri. 2022.

SAMPAIO, Mariá Lanzotti; BISPO, José Patrício. **Entre o enclausuramento e a desinstitucionalização: a trajetória da saúde mental no Brasil**. Trabalho, Educação e Saúde [online], v. 19, nov., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00313>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SILVANO, Aline Delmondes et al. Centro de Atenção Psicossocial: cotidiano de trabalho e articulação com a rede na pandemia. **Rev. Rene**, p. (1-9), 2022. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/71660/218156>>. Acesso em: 14 de abr. 2022.

SOUZA, Bruna Rosa de. ET. AL. Ser familiar de usuários de saúde mental: vivências e sentimentos. 2022. **Revista Uningá**, v. 59, eUJ3736, 2022.

SOUSA, Vaniele Silva de; OLIVEIRA, Cintia Regina Macedo. Grupo autoestima: experiência de grupo operativo em CAPS. **Periódicos eletrônicos em Psicologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. (25-33), dez., 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180624902021000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 abr. 2022.

STAHELIN, Débora Mariana et al. Atitudes de usuários de um CAPS ad frente às práticas de cuidado. **PSI UNISC**. p.(69-81), 2021. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/16451#:~:text=Destaca%2Dse%20que%20usu%C3%A1rios%20que,o%20escopo%20de%20a%C3%A7%C3%B5es%20coletivas>>. Acesso em: 16 de mai. 2022.



IV Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

23, 24 e 25 de setembro de 2025

TEIXEIRA, Vivian dos Santos et al. Primeira internação psiquiátrica na visão dos familiares. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**., v. 24, n. 03, p. (704-720), out., 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p704.12>>. Acesso em: 15 Abri. 2022.

TREICHEL, Carlos Alberto dos Santos et al. Impasses e desafios para consolidação e efetividade do apoio matricial em saúde mental no Brasil. *Interface (Botucatu)*. 2019; 23:e180 **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 23, jun. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.180617>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

VIEIRA J, Anido I, Calife K. Mulheres profissionais da saúde e as repercussões da pandemia da Covid-19: é mais difícil para elas?. **Saúde debate** [Internet]. 16º de junho de 2022 [citado 3º de setembro de 2025];46(132 jan-mar):47-62. Disponível em: <https://saudeemdebate.org.br/sed/article/view/6399>. Acesso em: 03 set. 2025
